

Parintins na Tela: A Transmissão do Festival Folclórico e Suas Relações no Eixo Rio-São Paulo¹

Renata Madureira Monteiro AMBROGI²

Isabella Regina Oliveira GOULART³

Centro Universitário FMU | FIAM-FAAM, São Paulo, SP

RESUMO

O presente artigo visa analisar as transmissões televisivas do Festival Folclórico de Parintins em âmbito nacional, a fim de entender sua relação com a grande mídia que está concentrada no eixo Rio-São Paulo. O Festival é uma competição que acontece na cidade amazonense de Parintins há 54 anos, unindo a cultura do boi-bumbá com elementos indígenas. De extrema importância cultural e econômica para a região, a transmissão televisiva do folgado enfrenta barreiras que trazem à tona questões sobre alteridade e representação, sustentadas pela desigualdade nas relações de poder entre o Sudeste e o Norte no cenário nacional. Nossa análise tem com base algumas teorias relacionadas aos estudos culturais.

Palavras-chave: Festival de Parintins; transmissão televisiva; São Paulo e Rio de Janeiro; alteridade; estudos culturais.

INTRODUÇÃO

O Festival de Parintins se trata de um evento que une a cultura maranhense do boi-bumbá com características indígenas amazonenses em uma apresentação que acontece anualmente no último final de semana do mês de junho, na segunda maior cidade do Amazonas. A festa nasceu em 1966, possivelmente, como forma de resolver a disputa entre os brincantes dos dois bois-bumbás mais famosos da cidade, Caprichoso e Garantido (LEMOS, 2005). A partir disso, os bois passaram a competir entre si de forma organizada em um espetáculo com direito a avaliação de diversos quesitos.

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de graduação do 4º semestre do Curso de Rádio, TV e Vídeo do FIAM-FAAM Centro Universitário, e-mail: rmmambrogi@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora e Coordenadora Adjunta na Escola de Comunicação do Centro Universitário FMU | FIAM-FAAM. Doutora e Mestre em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP, e-mail: isabella.goulart@fiamfaam.br.

Parintins é um município brasileiro do interior do Estado do Amazonas, que recebe milhares de turistas todos os anos para acompanhar o evento dos bois, o qual acontece desde 1988 no Centro Cultural e Esportivo Amazonino Mendes, o popularmente conhecido como Bumbódromo.

Nesse mesmo ano, a festa passou a ser televisionada no estado do Amazonas, mas só em 2008 a Rede Bandeirantes de Televisão (Band) obteve, por licitação, o direito exclusivo de transmissão da festa para todo o país. Até 2020, o folgado foi transmitido na TV aberta para todo o Brasil por apenas oito anos, sendo cinco anos feitos pela Band, e três anos por VT pelo canal TV Cultura, com um intervalo de quatro anos entre as duas.

O Garantido é um boi branco, cujo símbolo é um coração vermelho, já o Caprichoso é um boi preto, e seu símbolo é uma estrela azul. As cores são muito importantes para os bois e mais ainda para as torcidas. O torcedor do Garantido não usa a cor do boi Caprichoso, e vice-versa; eles sequer se tratam pelo nome, chamam-se de “contrário”. Apesar da forte disputa, também tem muito respeito, enquanto um boi se apresenta, a torcida contrária permanece em total silêncio.

A conquista mais importante do festival ocorreu em 2018, quando o Complexo Cultural do Boi Bumbá do Médio Amazonas e Parintins teve seu nome gravado no livro das Celebrações como Patrimônio Cultural do Brasil. O certificado foi entregue em 2019, no Bumbódromo, durante o Festival de Parintins⁴. Essa homenagem ao boi também se reflete na publicidade da festa, a patrocinadora mais antiga do festival, Coca-Cola, se adapta visualmente à cor do Caprichoso, e todo ano produz diversos conteúdos publicitários, logomarcas e latas nas cores vermelho e azul, para não desagradar nenhuma torcida (FONSECA, 2012).

Ter uma marca global tão potente quanto a Coca-Cola se adaptando à cultura de Parintins reflete em uma contribuição “para o desenvolvimento cultural, econômico e social do estado, assim como para o incentivo ao turismo na região”, como mostra Fonseca (2012, p. 46). Mas ela não é a única, outras marcas como Bradesco, Natura, Nestlé, Kaiser, e Skol também adequaram as cores de seus logotipos em favor da festa. Com o objetivo de dialogar com a cultura local, o canal Band também mostrava, na tela, seu logotipo de acordo com a cor de cada boi que se apresentava nas transmissões da

⁴ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5148/certificado-de-patrimonio-cultural-do-brasil-sera-entregue-durante-festa-do-boi-bumba-do-amazonas>. Acesso em 03 mar. 2020.

emissora. O intuito das marcas era não desagradar nenhuma torcida e gerar publicidade em cima de atitudes de responsabilidade social.

Com relação à sua veiculação televisiva em âmbito nacional, coloca-se a seguinte questão: de que forma um festival de grande porte, que acontece há 54 anos, com três dias de duração, de extrema importância cultural e econômica para a região, envolvendo profundamente os populares e até mesmo grandes marcas que patrocinam o evento é abordado, transmitido e acolhido nos dois maiores centros de produção audiovisual do país, quais sejam, São Paulo e Rio de Janeiro?

A necessidade de uma pesquisa nesse sentido se dá a partir do fato de que existe uma carência de estudos sobre a transmissão televisiva e a disseminação da cultura amazonense, além de se tratar de um Patrimônio Cultural Brasileiro, o qual aparenta não ser valorizado ou sequer conhecido em outras regiões. Nesse sentido, observamos que há uma uniformização e padronização dos conteúdos pela mídia do Sudeste. Por isso, a escolha pelos estados do Rio de Janeiro e São Paulo é devido a serem grandes polos midiáticos e, principalmente, os maiores núcleos de produção audiovisual do país, que criam, selecionam e veiculam imagens sobre outras regiões do Brasil, em escala nacional. Ou seja, definem qual, quando, onde e como a informação vai alcançar os quatro cantos do país.

Como método de coleta de dados, utilizamos o mecanismo de busca dos sites oficiais dos jornais Extra, Folha de São Paulo, G1, O Estado de São Paulo e O Globo⁵. Foram procuradas notícias através da palavra-chave “Festival de Parintins” (Tabela 1), que, sem nenhum filtro selecionado, retornaram os resultados abaixo.

Tabela 1. Quantidade de resultados obtidos por mecanismo de busca nos respectivos sites oficiais.

Jornais	Resultados
Extra	6
Folha de São Paulo	229
G1	> 0
O Estado de São Paulo (Estadão)	105
O Globo	20

Fonte: Autoria própria.

⁵ Durante o processo de pesquisa, algumas notícias mapeadas previamente sobre a transmissão televisiva da festa saíram do ar nos sites jornalísticos consultados.

Os números que resultam do mapeamento realizado nos maiores jornais cariocas e paulistas são representativos da pobre dedicação desses meios de comunicação com relação a um dos mais bonitos patrimônios culturais do Brasil⁶. Sendo assim, vamos analisar a transmissão televisiva do Festival em esfera nacional, comandada por São Paulo e Rio de Janeiro.

Concentração midiática, alteridade e relações de poder

Para as transmissões, a Rede Bandeirantes chegou a montar um estúdio na arena onde acontece a festa, utilizar efeitos gráficos nas imagens ao vivo, reservar um barco especialmente para a equipe conhecer a região, e deslocar uma equipe volumosa para Parintins. Contudo, além de desentendimentos causados pelo não cumprimento de partes do acordo pela emissora⁷, o contrato não foi renovado. Atualmente, apenas a TV Cultura transmite uma gravação do evento para todo o Brasil, feita pela TV amazonense A Crítica, mas os motivos de um investimento tão alto por parte da Band, se tornar desvalorizado em poucos anos ainda não foram esclarecidos. Algumas hipóteses que podem explicar essa queda são: falta de conhecimento dos apresentadores para tratar com propriedade sobre a festa e os costumes de Parintins, divulgação insuficiente da transmissão do evento, pouco interesse do público de outras regiões em conhecer a cultura de Parintins e do Amazonas.

Já pontuamos anteriormente a importância para a região, mas existem alguns motivos para explicar por que o seu valor deve ser reconhecido em outras partes do país, e até mesmo do mundo. Como explicam Batista, Colombo e Silva:

As manifestações folclóricas possuem uma gama de informações e transmitem conteúdos, os veículos de comunicação são de extrema importância na divulgação de eventos como este, uma vez que com o alcance que a transmissão televisiva possui é muito maior do que o alcance que o Festival teria sem ela. (BATISTA; COLOMBO; SILVA, 2017, p. 7).

⁶ O G1, por exemplo, não divulga a quantidade de resultados em sua página de busca, já o jornal Folha de São Paulo publica sobre o Festival de Parintins em mais de uma seção desde o ano de 1994.

⁷ O presidente do boi Garantido, Telo Pinto, afirmou em entrevista que algumas cláusulas do contrato nunca foram cumpridas pela emissora, como a gravação e divulgação de um CD de ambos os bois. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/band-nao-quer-mais-transmitir-festival-folclorico-de-parintins>. Acesso em 03 mar. 2020.

Para entender melhor essa questão, se faz necessária a análise de alguns pontos dentro dos estudos culturais em comunicação, como, por exemplo, o papel da televisão na expressão e identificação cultural de uma sociedade. Raymond Williams (1974) mostra que a TV expressa forças econômicas, sociais e políticas de forma ampla, mas sugere que compreender as relações de poder, distribuição de capital, herança social, herança material e relações de hierarquia entre grupos é importante para possibilitar esses estudos, já que esses fatores são os reais agentes determinantes. Essas relações de poder são observadas também por outros autores dos estudos culturais, sendo responsáveis por sustentar uma sociedade desigual em vários aspectos, como veremos mais adiante.

Além de atrair a atenção para a região, divulgar o evento e movimentar a economia, a transmissão da festa participa ativamente da construção imagética de uma identidade, a do indígena amazonense. Como mostra Silva:

É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. [...] Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. No centro da crítica da identidade e da diferença está uma crítica das suas formas de representação. (SILVA, 2000, p. 91).

Silva (2000) define que identidade e diferença são conceitos relativos, já que precisam estar ligados a algo ou alguém, sendo identidade referente à própria pessoa, e diferença aquilo que se refere ao outro. Sendo assim, identidade e diferença são inseparáveis.

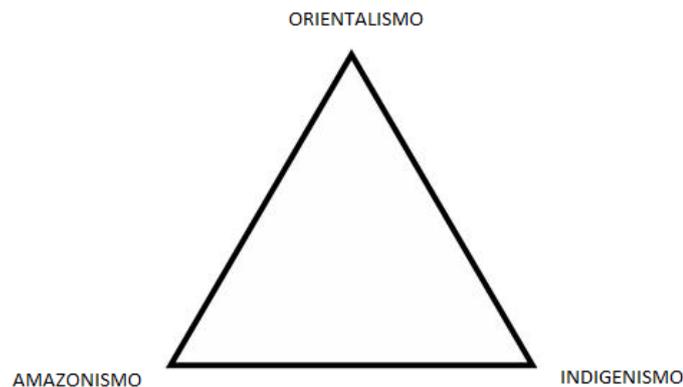
Além disso, ambas são criações sociais e culturais, e instituídas através da fala, tendo a linguagem como sistema de significação. É importante lembrar que a televisão se utiliza de outra linguagem além da verbal, a comunicação se dá também por imagens e sons. Por ser uma relação social, a identidade se encontra submetida a relações de poder, que são impostas e disputadas, e não definidas. Novamente, como explica Silva:

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. (SILVA, 2000, p. 81).

Silva (2000, p. 82) também mostra que as relações de poder estão conectadas aos processos de exclusão gerados por essa caracterização de identidade e diferença: “Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras”, ao mesmo tempo que, para a identidade hegemônica perseverar, ela precisa da existência da diferença. Ou seja, essa separação do social em grupos é feita a partir do ponto de vista daquilo que é mais próximo a mim.

No caso em questão, São Paulo e Rio de Janeiro influenciam na construção de um imaginário que não é próprio, mas do Outro, traçando um paralelo com três conceitos dos estudos de alteridade que se relacionam entre si, com suas semelhanças e peculiaridades: Orientalismo, Amazonismo e Indigenismo (Imagem 1), os quais tratam de como as desigualdades de poder são responsáveis por ideias e imagens.

Imagem 1. O Orientalismo aplicado em conceitos que tratam do indígena amazonense.



Fonte: Autoria própria.

Edward Said (1990), em seu livro *Orientalismo*, visa expor a construção de ideias e imagens sobre o Oriente, criada pelo Ocidente com o intuito de obter poder sobre essa cultura distinta. Sendo assim, tanto o Amazonismo quanto o Indigenismo se aproximam desse conceito de modo que evidenciam o ideário do indígena amazonense na concepção do Ocidente e de outros atores que obtém, de certa forma, autoridade sobre essa representação, como, por exemplo, os meios de comunicação. Nesse sentido:

As ideias, culturas e histórias não podem ser estudadas sem que a sua força, ou mais precisamente a sua configuração de poder, seja também estudada. Achar que o Oriente foi criado – ou como eu digo, “orientalizado” – e acreditar que tais coisas acontecem simplesmente como uma necessidade de imaginação é agir de má fé. A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia (SAID, 1990. p. 17)

Tanto o Amazonismo quanto o Indigenismo se inspiram na ideia de Said de uma criação identitária que visa atender os interesses de quem cria, ou seja, sua imagem é difundida a partir de um desejo de dominação. Assim como o Amazonismo de Pimenta (2015, p. 332), que define como: “Um conjunto de ideias, discursos e práticas produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e os povos indígenas, seus primeiros habitantes”. Esse discurso hegemônico do Ocidente acaba sendo reproduzido em outras esferas.

Ademais, Ramos (2012, p. 28) reflete sobre o lugar do índio no imaginário da sociedade brasileira, considerando que não só o Estado influencia nisso. A autora inclui diversos outros responsáveis, como “os meios de comunicação, a literatura ficcional, a atuação da Igreja, de ativistas dos direitos humanos, as análises antropológicas e as posições dos próprios índios”. A autora discute o lugar do índio no imaginário do brasileiro como um todo, mas também menciona os meios de comunicação como um ator importante nessa construção. Considerando a concentração midiática televisiva que existe no país, é possível perceber como São Paulo e Rio de Janeiro participam ativamente dessa ideia, justamente por atuarem como decisores daquilo que é transmitido nacionalmente.

Contudo, Ramos (2012) explica que o Indigenismo difere do conceito explicado por Said em um ponto: o indígena também é parte ativa desse imaginário, podendo negar ou corroborar essas ideologias, da mesma maneira que Pimenta elucida que tais imagens podem ser tanto negativas e estereotipadas, como positivas, a depender dos atores e da época em questão.

O que as três ideias trazem em comum é uma grande caracterização da desigualdade de poder presente nas construções do *Diferente* (grifo nosso). Apesar de ser possível aproximar esses conceitos, compreendemos ser necessário guardar suas particularidades que devem ser observadas. Visto o que foi exposto acima, essa assimetria nas relações de poder pode ser pensada aqui de forma análoga, como o poder do discurso (sobre o outro) e da representação (do outro) de que o Sudeste, potência midiática brasileira, se investe, ao enxergar o Amazonas, seu povo e sua cultura como uma alteridade que foge à sua identidade normativa. Neste sentido, pensamos o conjunto representacional veiculado a respeito do Amazonas – elaborado pela mídia concentrada, no âmbito nacional, no Rio de Janeiro e em São Paulo, e que, em vista dessa centralização, detém o poder de representação – como uma invenção do Sudeste. Esse conjunto

representacional diz mais sobre ele mesmo do que sobre o Amazonas – ou sobre um Amazonas real, fazendo um paralelo com os termos de Said –, diverso e complexo.

Em outra ordem de ideias, a fim de problematizar a forma como a alteridade é significada dentro de gêneros jornalísticos, Lobato e Lobato (2018) defendem a revitalização da linguagem jornalística como uma narrativa, que além de ética é testemunhal e afetiva. A partir do que ilustram abaixo:

Objetividade, transparência, imparcialidade, neutralidade, simplicidade [...]. Cabe-nos observar, em perspectiva histórica, o que efetivamente tais princípios vieram produzindo no âmbito do jornalismo de massas: uma crescente instrumentalização de suas narrativas, priorizando a informação sobre a linguagem – ou a forma sobre o conteúdo –, o que produz um olhar instrumentalizado do jornalista sobre o mundo que é observado e traduzido em linguagem, incluindo aí a alteridade. (LOBATO; LOBATO, 2018, p. 146)

A ausência de voz daquele que está submetido, involuntariamente, às decisões de um dominante, com relação ao que é reproduzido nacionalmente, exige que o jornalista apresentador atue em direção a estimular o reconhecimento, a empatia e a compreensão, e interagir efetivamente com a alteridade, já que “a comunicação é um processo fundamental para o ser humano enquanto ser social, sendo que o objetivo dos meios é tentar superar as distâncias e permitir uma aproximação entre os extremos, tornando o processo possível.” (LOLLA, 2011, p. 71).

As transmissões televisivas

À imagem desses conceitos, é possível aplicá-los no caso da transmissão televisiva do Festival de Parintins, sendo Parintins a imagem idealizada, o representado, e o polo midiático Rio-SP como agente ativo de estruturação dessa ideia, ou o representante. Por essas questões, abaixo, trazemos uma análise sobre as transmissões nacionais do Festival de Parintins desde sua primeira, em 2008, até os dias atuais. Para efeito de organização e melhor compreensão, todos os horários mencionados neste artigo estão de acordo com o fuso de Brasília (GMT-3).

A ideia da transmissão nacional veio de um projeto chamado "A Amazônia é do Brasil"⁸, da Rede Bandeirantes, que visava mostrar ao mundo o domínio do Brasil sobre

⁸ Fórum de discussão permanente com o intuito de incentivar e contribuir na discussão em torno da soberania do Brasil sobre a Amazônia através da produção e veiculação de diversos conteúdos sobre a região. Disponível em: <https://noticias.band.uol.com.br/noticias/90551/bovespa-abre-em-alta-com-animacao-no-exterior.html>. Acesso em 02 ago. 2020.

a Amazônia, por conta do interesse demonstrado por grupos internacionais em explorar a região. A intenção era demonstrar que o país valoriza a floresta amazônica.

A Band transmitiu o Festival de Parintins por cinco anos consecutivos (Tabela 2), com centenas de profissionais envolvidos, em sua maioria vindos do Sudeste, que viajaram até lá especialmente para cobrir a festa.

Tabela 2. Duração e condição das transmissões nacionais exclusivas feitas pela Band.

Ano	Sexta	Sábado	Domingo
2008	5 horas, ao vivo.	5 horas, ao vivo.	5 horas, ao vivo.
2009	5 horas e 20 minutos, ao vivo.	5 horas e 20 minutos, ao vivo.	5 horas e 20 minutos, ao vivo.
2010	4 horas, ao vivo.	4 horas, ao vivo.	4 horas, ao vivo.
2011	5 horas, ao vivo.	5 horas, com 3 horas de atraso.	5 horas, ao vivo.
2012		5 horas, ao vivo.	

Fonte: Autoria própria.

Em 2008, os jornalistas José Luiz Datena e Patrícia Maldonado foram escolhidos para fazer a cobertura ao vivo da festa, mas, pouco tempo depois das transmissões, imagens dos dois fora do ar foram divulgadas na internet. Datena e Patrícia chamam o apresentador do boi Caprichoso de “chato” e “pentelho”. Como mencionaremos no parágrafo seguinte, esse episódio logo na primeira transmissão nacional foi uma decepção para o público, já que a expectativa das diretorias dos dois bois era de que a transmissão seria feita com honra e respeito, contribuindo para uma construção cultural conjunta e coerente entre telespectadores e os participantes do folclore. Contudo, os comentários manifestados pelo público que assistiu à transmissão foram muito negativos. Tudo isso acarretou em um desconforto entre os profissionais amazonenses que participaram da transmissão e os profissionais da emissora.

Uma pesquisa publicada em 2011 ilustra bem essa situação. Realizada em Manaus e no município de Parintins, entre setembro de 2008 e abril de 2009, foram abordados 40 espectadores e participantes do evento. O estudo concluiu que houve excesso de fala por parte dos apresentadores, inclusive adiantando a atração que viria a seguir, acabando com o fator surpresa, tradição do festival como causal de emoção do público. Além disso,

faltaram cuidados com contextualização, pronúncia e significado das palavras, que gerou ainda uma discussão ao vivo entre Datena e a comentarista do boi Caprichoso. Inclusive, o apresentador foi motivo de chacota na região, popularizando-se a expressão “Cala a boca, Datena!”, quando alguém fala demais, pois o próprio pedia silêncio durante a transmissão, mas voltava a falar logo em seguida (RODRIGUES, TAPAJÓS FILHO, SILVA, 2011).

Depois dessa polêmica, o jornal Estadão publicou que a emissora estava procurando por novos âncoras para apresentar a festa em 2009, e mencionou que Datena “além de dizer alguns palavrões, faz chacota da festa”⁹. Enfim, os escalados foram Renata Fan, Teo José, Nadja Haddad e Lorena Calábria. Essa última chegou a ir até Parintins com antecedência para conhecer o lugar e gravar algumas matérias. Naquele ano, a Band divulgou que cerca de 150 milhões de telespectadores assistiram aos três dias de transmissão.

Já em 2010, a Band pediu para que o evento começasse uma hora mais tarde que o tradicional por conta dos jogos da Copa do Mundo de Futebol¹⁰ e as transmissões tiveram uma duração menor que nos outros anos. Essa alteração envolve também o público que assistiu ao festival no Bumbódromo, que deveriam chegar e sair do local uma hora mais tarde. Nesse sentido, percebemos que as imposições da transmissão televisiva estavam se sobrepondo à cultura local.

Além disso, no ano seguinte, o jornal amazonense A Crítica divulgou que havia a possibilidade do festival passar a acontecer em apenas duas noites, e não três como de costume, porque “todo esse tempo, na grade de programação, poderia estar cansando o telespectador, principalmente dos Estados do Sudeste do Brasil”¹¹. Isso pode ser explicado pelo fato de que o público não está acostumado a ver a diversidade brasileira sendo representada na televisão. Até porque, já há muitas décadas, os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro e São Paulo eram transmitidos nacionalmente pela Rede Globo, por várias horas em quatro dias consecutivos, ou seja, mais do que o folguedo parintinense. Portanto, o cansaço mencionado anteriormente não se deve à duração da apresentação, mas possivelmente ao conteúdo.

⁹ Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,procura-se-ancora,377588>. Acesso em 02 ago. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://d24am.com/amazonia/copa-muda-o-horario-do-festival-de-parintins/>. Acesso em 22 ago. 2020.

¹¹ Disponível em: <http://www.parintins.com/?p=1&n=2267>. Acesso em 08 mar. 2020.

A redução do Festival de Parintins até seria possível devido à necessidade de um novo regulamento em 2011, já que o último havia expirado em 2010. Essa mudança iria acarretar uma diminuição de itens apresentados pelos bois, interferindo diretamente na tradição da festa e na economia da cidade, mas a festa permaneceu com três dias de apresentações, embora, no sábado, a emissora tenha iniciado a transmissão com 3 horas de atraso. Além disso, Souza e Pimentel (2015) mencionam que a maior dificuldade com relação à divulgação do festival se dá por conta dos problemas para adaptá-lo às formas de um produto televisivo vendável, nos moldes da cultura de massa, já que a TV é um meio de comunicação dependente da publicidade. Mais uma vez, a festa corre risco de sofrer alterações por conta da sobreposição capitalista à cultura de Parintins.

Os autores também retratam que a forma como o Bumbódromo foi construído não é a mais propícia para suportar uma equipe de televisão, seja pelo espaço ou pela iluminação, mas já comentamos anteriormente que o maior incômodo do público foi com relação à apresentação dos jornalistas, e não a técnica, até porque a Bandeirantes levou todo equipamento necessário para uma cobertura que se adequasse aos padrões de qualidade da TV.

Em 2012, a Bandeirantes não divulgou se as apresentações de sexta-feira e domingo seriam gravadas e transmitidas na íntegra, ou ao vivo, porém atrasadas, mas elas se iniciaram respectivamente a uma hora da manhã e meia-noite. Diferentemente do resto do país, o estado do Amazonas pôde acompanhar a festa todos os dias na íntegra, a partir de 21h30, na mesma emissora. Contudo, algumas cláusulas do contrato nunca foram cumpridas pela emissora, como a gravação e divulgação de um CD de ambos os bois¹². De mesmo modo, algumas notícias do ano de 2012 são ilustrativas desse cenário, quando a emissora tentou substituir a transmissão ao vivo por uma versão gravada e compacta que iria ao ar durante a madrugada, alegando que o motivo seria a queda de audiência¹³. Para tentar compensar essas questões, naquele ano a emissora transmitiu o evento pela Band internacional, mas não divulgou maiores informações sobre horário ou duração¹⁴.

¹² Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/band-nao-quer-mais-transmitir-festival-folclorico-de-parintins>. Acesso em 03 mar. 2020.

¹³ Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/especiais-3b7127e7-0b22-4a69-b4a5-7fecfe9c0f00/news/transmissao-do-festival-de-parintins-em-panico>. Acesso em 05 ago. 2020.

¹⁴ Disponível em: <https://entretenimento.band.uol.com.br/tv/noticias/?id=100000512927>. Acesso em 22 ago. 2020.

Quatro anos depois da emissora desistir de transmitir o folgado, a TV Cultura, que também é paulista, firmou um contrato para compartilhar nacionalmente o sinal da TV A Crítica (Tabela 3), do Amazonas, transmitindo o evento de forma integral.

Tabela 3. Horário, duração e condição das transmissões veiculadas pela TV Cultura.

Ano	Sexta	Sábado	Domingo
2017	22h30, 5 horas e 30 minutos, gravado.	21h, 5 horas e 30 minutos, ao vivo.	21h, 5 horas e 30 minutos, ao vivo.
2018	22h, 5 horas e 30 minutos, gravado.	21h, 5 horas e 30 minutos, ao vivo.	21h, 5 horas e 30 minutos, ao vivo.
2019	5 horas, gravado.	5 horas, gravado.	5 horas, gravado.

Fonte: Autoria própria.

Um fator interessante da retransmissão pela TV Cultura é que a cobertura da festa é feita integralmente pela equipe regional do canal amazonense A Crítica, e, portanto, não se trata de um olhar externo da região Sudeste. Além disso, os materiais extras veiculados na emissora em 2019 foram feitos pela também local TV Cultura do Amazonas. Nesse mesmo ano, a Cultura não divulgou o horário de início das transmissões, somente indicou após quais programas elas iriam ao ar.

Ainda assim, a TV Cultura, que é uma rede de televisão pública brasileira, sempre apresentou médias menores de audiência em relação a Band, inclusive nos anos de 2008, 2013 e 2018, por exemplo, em que a variação entre as emissoras era em torno de um ponto. Consequentemente, as últimas três transmissões tiveram um alcance menor que as anteriores.

Parintinenses no carnaval do Sudeste

A relação entre Parintins e as escolas de samba do eixo Rio-SP vai além da questão do tempo dado a cada uma pelas emissoras de TV, já que dados de 2017 indicam que metade da mão de obra das escolas vem do Amazonas¹⁵. Os parintinenses são

¹⁵ Disponível em: <https://www.uol.com.br/carnaval/2017/noticias/agencia-estado/2017/02/24/entre-parintins-e-sp-metade-da-mao-de-obra-das-escolas-vem-do-amazonas.htm>. Acesso em 08 mar. 2020. Não foi especificado se esse dado é recorrente ou corresponde especificamente ao ano de 2017.

responsáveis por dar movimento aos carros, além de realizar trabalhos de pintura, solda e confecção de esculturas e adereços, e chegam a ficar até oito meses longe de casa, dormindo e se alimentando no próprio barracão das escolas.

A partir dessa migração, é possível pensar na marginalização do amazonense que viaja para as grandes metrópoles do Sudeste em busca de trabalho e é relegado a tarefas braçais, com menor destaque. Essa trajetória ilustra a barreira enfrentada por nortistas por conta de uma produção social de identidade e diferença, que intensifica e mantém a segregação social. É preciso que esses profissionais sejam vistos como os artistas que são, sendo reconhecidos e devidamente valorizados.

Hoje, grande parte dos que vão até Rio de Janeiro e São Paulo para trabalharem no carnaval é formada pela Escola de Artes do Boi Caprichoso, mas esse intercâmbio cultural acontece desde, pelo menos, 1996, quando a X-9 Paulistana decidiu homenagear a Amazônia na avenida, e já resultou em alguns prêmios, como, por exemplo, o Estandarte de Ouro de Inovação, entregue à Portela em 2020 por conta da águia do carro abre-alas, feita com uma tecnologia jamais vista no carnaval, trazida pelos parintinenses. Outro exemplo é o primeiro título da escola de samba Águia de Ouro, também em 2020, conquistado após três notas 10 nos carros alegóricos, todos confeccionados por nove artistas de Parintins. Assim dizendo, é pela robótica que dá movimento às alegorias que esses profissionais são mais procurados.

Os bois Caprichoso e Garantido já chegaram a desfilar na Sapucaí, em 1998 e em 2014, em homenagens feitas pelas escolas Acadêmicos do Salgueiro e Mangueira, respectivamente. Apesar disso, essas atitudes são pontuais e não resultam em uma maior valorização da cultura e nem dos profissionais de Parintins, ou seja, novamente a representação de uma alteridade é utilizada afim de suprir um desejo particular, sem responsabilidade social.

Embora esses elementos contribuam para uma maior divulgação do folclore presente na cidade amazonense e para uma geração de renda para as famílias, os trabalhadores acabam enfrentando muito preconceito por sua origem indígena¹⁶, novamente por conta da questão criada entre identidade e diferença, que favorecem a disparidade de poder. Além de já passarem maior parte do ano longe de suas casas e suas

¹⁶ Disponível em: <https://d.emtempo.com.br/cultura/191455/parintinense-deu-vida-ao-jesus-negro-da-mangueira>. Acesso em 08 ago. 2020.

famílias, tendo que permanecer alojados nos barracões para trabalhar, mas também para se alimentar e dormir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas essas discussões, percebe-se que a cultura não está alheia a outros interesses, mas que os interesses políticos e econômicos estão nela intrincados, como apontam autores como Said (1990), Pimenta (2015) e Ramos (2012). A representação e criação de imagens é mobilizada para que se mantenham as relações de poder sobre o outro, que não está inserido nessas mesmas posições de poder.

Atualmente, a cultura amazonense ainda compete desfavoravelmente por espaço televisivo no Brasil, contra uma programação uniformizada e dominante, que majoritariamente afirma as expressões culturais, hábitos, gostos e as práticas culturais do Sudeste. Diante dessa realidade, vê-se a necessidade de que o jornalismo atue com maior responsabilidade, a fim de evitar práticas como as que aconteceram na transmissão de 2008 e permitir uma abordagem mais empática sobre as representações de alteridade.

Apesar das transmissões pela TV Cultura terem menor alcance que as realizadas pela Band, o fato de que o conteúdo é integralmente produzido por um canal amazonense favorece a qualidade e fidelidade da transmissão, já que a equipe detém maior conhecimento e respeito pelo festival. Além disso, a condição muda de um discurso de alteridade para um discurso de identidade, amenizando a condição discrepante, afirmada pelo poder midiático, de uma cultura sobre a outra. Como ilustrado por Silva (2012), aquele que tem o poder de representação tem o poder de definir a identidade.

Também é preciso salientar que por mais que as condições do Bumbódromo não favoreçam as transmissões televisivas, deve-se ter cuidado para que a preocupação com uma dita qualidade técnica não supere a preocupação com o respeito à cultura local. Ou seja, as transmissões televisivas é que devem se adaptar às manifestações culturais populares para valorizar a diversidade cultural do Brasil, engajando-se em um projeto que vise minimizar as desigualdades no que tange ao poder de representação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, P. R. L.; COLOMBO, M. E.; SILVA, C. B. da. **Festival Folclórico de Parintins: Mídia, Transmissão e Folkcomunicação**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, PR. 11 p. 2017.
- FONSECA, R. J. P. da; **Do global ao local: um estudo de caso sobre a adaptação visual da Coca-Cola ao Festival de Parintins**. Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2012.
- LEMONS, V. C. da S. **O Festival Folclórico de Parintins**. Dissertação (Monografia em Turismo). Centro Universitário de Brasília (UNICEUB). Brasília. 110 p. 2005.
- LOBATO, J. A. M.; LOBATO, M. L. A. M. **Alteridade, empatia e afetividade no jornalismo: um estudo sobre a de instrumentalização e compreensão do outro na narrativa de informação**. Revista Comunicação Midiática – UNESP. v. 13, n. 1, p. 140-154, 2018.
- LOLLA, D. M. et al. **A Televisão como veículo de informação: uma linguagem de imagens e sons**. Revista Científica do Unisalesiano. Lins, São Paulo. Ano 2, n. 3, p. 69-80, 2011.
- PIMENTA, J. **O Amazonismo acriano e os povos indígenas: revisitando a história do Acre**. Amazônica - Revista de Antropologia. Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2015.
- RAMOS, A. R. **Indigenismo: um orientalismo americano**. Anuário Antropológico. p. 27-48. 2012.
- RODRIGUES, R. A.; TAPAJÓS FILHO, L. V. G.; SILVA, C. M. M. **Análise de recepção da transmissão televisiva do Festival Folclórico de Parintins, no Estado do Amazonas**. Marupira: Revista Científica do Centro de Estudos Superiores de Parintins, 2011.
- SAID, E. W. **Orientalismo**. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.
- SILVA, T. T. da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 136 p. 11ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- SOUZA, N. M. N. de; PIMENTEL, M. F. de S. **Festival Folclórico de Parintins: Pesquisa Sobre a Infraestrutura e Evolução das Transmissões**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Centro Universitário do Norte – Uninorte Laureate, Manaus, AM. 2015.
- WILLIAMS, R. **Television: Technology and cultural form**. Editado por Ederyn Williams. Londres: Routledge, 2003.